

A taxa de fervura do País

29 ABR 1992

Gaudêncio Torquato JORNAL DE BRASÍLIA

Um dos traços mais característicos da cultura nacional é a ciclotímia de sentimentos que marca os cenários econômicos, políticos e sociais do País. O Brasil vive se balançando na gangorra sentimental. Quando se pensava que um horizonte tranquilo estava por vir, em função de uma supersafra, do fechamento de acordos com o FMI e Clube de Paris e de uma tendência de estabilidade na economia, mesmo com uma inflação alta, a semana começa a respirar o ar esfumaçado que prenuncia zonas de turbulência.

A taxa de fervura é resultante de um conjunto de situações que se entrelaçam para formar um território com razoável periculosidade. Para começar, a questão militar é preocupante. A campanha salarial, comandada pelo deputado Bolsonaro, é apenas a face externa e visível de um bolsão de contrariedades, insatisfações e frustrações que tomam conta das cozinhas das famílias militares e das casernas. Os militares não aceitam a imensa defasagem salarial; revoltam-se contra o estado de penúria a que foram relegadas as Forças Armadas, patente no sucateamento dos equipamentos e na precariedade da infra-estrutura técnica; mostram-se indignados contra a situação de corrupção crônica nas malhas subterrâneas da burocracia e setores bem organizados ainda revoltam-se com a forte perda de poder do estabelecimento militar, consequência da ascensão das forças políticas no sistema democrático nacional.

A hierarquia, vértice do poder nas Forças Armadas, pode, a qualquer momento, sofrer rupturas e não se descarta a possibilidade de movimentos patéticos, mesmo que isolados e confinados a pequenos grupos.

O perigo reside no estabelecimento de uma cadeia concêntrica, capaz de multiplicar ondas de revolta. Não se pode esquecer o fato de que canhões, mesmo velhos e sem muita munição, podem dar alguns disparos que geram barulho e pânico. Os ministros militares encontram-se diante do complexo desafio de administrar as carências, em um contexto de falta de dinheiro para reequipamento da frota e animação da tropa.

A taxa de fervura recebe, ainda, a influência das metas descumpridas junto ao FMI. A ocasião é propícia para os doleiros levantarem o dólar paralelo. Estabelece-se um clima de instabilidade, que, por sua vez, detona expectativas negativas. O processo inflacionário ganha mais um round. O setor produtivo, que já se engajava em um clima de descontração e motivação, recolhe seu moderado entusiasmo e susta estratégias de investimentos. Para esquentar a temperatura, aparece um índice recorde de desemprego em São Paulo.

Com esses ingredientes, o País ganha momentos de atordoamento. Em pauta, persistem os grandes temas da temporada, como os 147% para os aposentados, os casos de corrupção em apuração, os grandes salários dos políticos e os magistrados em luta para colocar também seus ganhos nos píncaros. Convenhamos, essa não é uma receita para tempos de normalidade. Do outro lado, governadores abrem a boca e pedem, a plenos pulmões, com a força das bancadas federais, que o Governo abra os cofres. Quer dizer, a crise passa a ser alimentada por interesses diversos. E o Governo se depara com o velho dilema: "Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come".